

Europa sob fogo cruzado: guerras, tarifaço de Trump e crise em Ormuz expõem vulnerabilidade

Dependente de energia e matérias-primas importadas, o bloco europeu enfrenta simultaneamente pressões militares, comerciais e diplomáticas que ameaçam custos, cadeias produtivas e crescimento.

A União Europeia entrou em uma nova zona de turbulência. A continuidade da guerra da Rússia contra a Ucrânia, o tarifaço promovido pelo governo Donald Trump e a guerra travada por Estados Unidos e Israel contra o Irã, acompanhada pela interrupção da navegação no Estreito de Ormuz, pressionam ao mesmo tempo a segurança, o comércio e o abastecimento energético do continente.

A vulnerabilidade aparece com nitidez nos fluxos físicos: embora o comércio europeu pareça mais equilibrado em valores monetários, a UE importa mais que o dobro do volume que exporta. Entram combustíveis e matérias-primas; saem máquinas, equipamentos e bens de maior valor agregado. O modelo sustenta a força industrial europeia, mas deixa fábricas e consumidores expostos a guerras, bloqueios marítimos e disputas comerciais.

Ucrânia e Ormuz: dois choques sobre a energia

Desde 2022, a invasão russa da Ucrânia obrigou a UE a reduzir sua dependência dos combustíveis russos, diversificar fornecedores e acelerar a transição energética. A guerra permanece, mantém elevados os gastos de defesa e amplia tensões diplomáticas, enquanto sanções e ataques à infraestrutura continuam afetando cadeias de energia, alimentos e minerais estratégicos.

Ormuz amplia o risco: cerca de 25% do petróleo transportado por mar passou pelo estreito em 2025. Sua interrupção em 2026 derrubou a oferta global, elevou combustíveis e fretes e reacendeu a inflação energética europeia.

Tarifaço pressiona a relação transatlântica

No comércio, as tarifas de Trump atingiram exportadores europeus e elevaram a incerteza para empresas que dependem do mercado norte-americano. Dados do Eurostat mostram que, no primeiro trimestre de 2026, as exportações da UE para os Estados Unidos ficaram 30% abaixo do mesmo período de 2025, e o superávit bilateral caiu de 80 bilhões para 34 bilhões de euros. O acordo UE-EUA reduziu parte da incerteza, mas exigiu concessões europeias e manteve pressões sobre setores industriais.

Diplomaticamente, Bruxelas tenta preservar a parceria com Washington sem abandonar a defesa do comércio baseado em regras. No Oriente Médio, a UE apoia cessar-fogo, negociações e a reabertura segura de Ormuz; diante da Rússia, combina sanções, apoio à Ucrânia e busca de autonomia energética. Para responder aos três choques, o bloco precisará acelerar a diversificação de fornecedores, a reciclagem, as energias renováveis e a proteção de cadeias críticas. O desafio europeu deixou de ser apenas comercial: tornou-se energético, industrial e geopolítico.